

Cadernos **IHU** *ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 314 • vol. 19 • 2021



Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas

Castor M.M. Bartolomé Ruiz



Cadernos
IHU *ideias*

**Algoritmização da vida:
a nova governamentalização das condutas**

Castor M.M. Bartolomé Ruiz

Doutor em Filosofia e Professor Titular do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia – Unisinos

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 314 • vol. 19 • 2021



Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XIX – Nº 314 – V. 19 – 2021

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pixabay

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues e Ricardo Machado

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003). – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . . . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Biblioteca responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

ALGORITMIZAÇÃO DA VIDA: A NOVA GOVERNAMENTALIZAÇÃO DAS CONDUTAS

Castor M.M. Bartolomé Ruiz

Doutor em Filosofia e Professor Titular do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia – Unisinos

Introdução

A problemática da algoritmização da vida apresenta-se como uma nova fronteira onde a vida humana e as novas tecnologias se cruzam com graves desafios que estão a nos interpelar mais intensamente, se é possível, na pandemia, na medida em que todos vivemos em escala global uma espécie de aceleração digital não programada. A pandemia nos lançou de modo abrupto no mar das novas plataformas tecnológicas e na tempestade dos algoritmos. Provavelmente, a pandemia acelerou em mais de uma década os processos de algoritmização da vida através da exigência que cada um de nós está tendo de se integrar num mundo digital, não mais como um mundo virtual, mas como o mundo real que suplanta a própria realidade física. A pandemia fez que o debate sobre o virtual e o real, das décadas passadas, ficasse obsoleto, pois a realidade digital se impõe não mais como algo meramente virtual, senão como uma nova realidade que envolve e captura nossos atos cotidianos. A realidade digital se apresenta quase como o único meio de sobrevivência no mundo presente e futuro que, cada vez mais, se desenha como um mundo governado pelos algoritmos digitais.

A aceleração algorítmico-digital imposta pela pandemia afeta as múltiplas dimensões da vida humana. Por exemplo, a algoritmização está revolucionando os meios de produção e com eles as novas relações de produção são qualitativamente distintas das anteriores; essas novas relações de produção, por sua vez, estão fazendo emergir novas classes sociais que umas décadas atrás nos pareceriam ficção científica. Por exemplo, a uberização das relações trouxe à cena os chamados novos empresários de si, os novos trabalhadores autônomos que sobrevivem de modo precário a serviços de plataformas como se fossem empreendedores de um negócio¹. Este modelo de prestador de serviços autônomo, que empresta sua força de trabalho e conhecimento através de plataformas digitais como se fosse um empresário de si, nada mais é que novas formas de precarização e exploração do trabalho em grande escala para maior benefício do capital².

A algoritmização também está revolucionando qualitativamente o modo de nos relacionar com as outras pessoas. O tipo de comunicação que mantemos é muito mais digital que pessoal, e com isso os afetos humanos começam a ser diferentes. Poderíamos dizer que são afetos digitalizados, algoritmizados, porque estão atravessados e contaminados por estas mediações. Por exemplo, cada vez, de modo mais frequente, chamamos amizade à amizade virtual, temos agora uma grande quantidade de amigos virtuais porque nos seguem nas redes ou apertam no botão “gostei (like)”: mas o que resta de amizade nessa amizade virtual? Estas questões, entre outras, nos são impostas pela nova realidade algorítmica.

Para nos aproximar a esta nova realidade denominada algoritmização da vida, propomos pensá-la criticamente a partir de vários pressupostos, como a nossa relação com a tecnologia, a produção de modos de subjetivação e formas de vida, as duas dimensões da governamentalização algorítmica da vida humana, os dados como nova matéria-prima do capital e, por último, a constituição de formas-de-vida como práticas de resistência ao controle biopolítico.

A relação entre o ser humano e a tecnologia

A algoritmização da vida tem a ver com a produção de novos saberes – novas formas de conhecimento –, sendo que todo saber desenvolve

1 SRNICEK, Nick. *Economias da plataforma. Inventing the Future: postcapitalism and a world without work*. London/New York, 2015.

2 FUMAGALLI, Andrea. *Bioeconomía y capitalismo cognitivo: hacia un nuevo paradigma de acumulación*. Madrid: Traficante de Sueños, 2010.

formas de poder. Logo, os novos saberes algorítmicos estabelecem novas relações de poder sobre a vida humana que teremos de analisar para compreender na sua especificidade. Mas antes é necessário confrontar-se com um primeiro questionamento, qual seja, elucidar qual é a relação do ser humano com as tecnologias e com os saberes que produz. Uma leitura ingênua pensa que as tecnologias (e os saberes) que produzimos, por serem obras de nossas mãos, se mantêm numa relação de exterioridade em relação conosco. Ou seja, que as tecnologias (e os saberes) são instrumentos que nós utilizamos de modo livre e externo e que os dominamos soberanamente segundo os nossos interesses. Esta perspectiva cria a ilusão de que os efeitos de poder das tecnologias sobre os sujeitos que as dominam são mínimos, na medida em que nós as produzimos e as utilizamos segundo nossos interesses³.

Uma primeira consideração nos leva a destacar que nunca as tecnologias (nem os saberes) foram totalmente externas à vida e ao modo de ser dos sujeitos. Toda tecnologia (e saber) se imbrica no modo de viver dos sujeitos de tal modo que quanto mais complexa é a tecnologia, maior impacto produz sobre aqueles que a utilizam⁴. As tecnologias atravessam os sujeitos que as utilizam a tal ponto que produzem o próprio modo de ser do sujeito. Não somos nós que utilizamos externamente as tecnologias, senão que nós, ao utilizá-las, também somos constituídos por elas no nosso modo de ser. Quanto mais intensamente utilizamos uma tecnologia, mais ela nos modifica. As tecnologias (e os saberes) têm um efeito de poder sobre os sujeitos através do qual constituem o modo de ser desses sujeitos, dependendo da intensidade da tecnologia e da amplitude do uso que dela se faz.

Algoritmização da vida, modos de subjetivação e as formas de vida

Estabelecido o pressuposto epistêmico da imbricação das tecnologias na constituição dos sujeitos, um dos aspectos que se merece destacar é que as tecnologias e os saberes produzem modos de subjetivação. Este princípio se tornou mais agudo, se é possível, na aceleração das novas tecnologias da revolução informática, o que denominamos a algoritmização da vida. As tecnologias algorítmicas não só se imbricam no modo de ser dos sujeitos que as utilizam, senão que deram um passo a mais capturando de forma intencional e estratégica os comportamentos

3 SIMONDON, Gilbert. L'individu à la lumière des notions de forme et d'information. Grenoble: Jérôme Millon, 2005.

4 SIMONDON, Gilbert. Du mode d'existence des objets techniques. Paris, Aubier, 2012.

dos sujeitos⁵. Essa captura se realiza através de complexos programas matemáticos que permitem apreender de forma instantânea os comportamentos de milhões de indivíduos nos seus dispositivos digitais. Com essa informação é possível replicar a produção de novas estratégias e novos algoritmos que retornam sobre os indivíduos para provocar um maior impacto sobre seu comportamento. Nas novas tecnologias algorítmicas, não há quase uma exterioridade do sujeito no seu uso, senão que, na medida que as utiliza, o sujeito vai sendo capturado pelos algoritmos nas preferências daquilo que faz, nos desejos do que procura, nas decisões que vai tomando. Percebemos como todos os comportamentos, cada vez mais, se encontram atravessados por tecnologias algorítmicas⁶. Nós não somos meros usuários de tecnologias, senão que, na medida em que as utilizamos cada vez mais amplamente, também nos convertemos em objetos estratégicos a serem direcionados e governados nos comportamentos. Nos confrontamos, assim, com um aspecto central da relação dos algoritmos com a vida humana, qual seja, a tendência estratégica dos algoritmos para influenciar condutas, seduzir motivações, induzir comportamentos, dirigir preferências, orientar decisões e, em última instância, conseguir governar o máximo possível o comportamento dos indivíduos; o que Foucault denominou de governamentalização das condutas⁷.

A governamentalização procura dirigir a conduta dos outros a partir de suas próprias preferências. Para isso, tem que conhecer ao máximo as tendências comportamentais de cada um para, deste modo, se antecipar aos desejos individuais elaborando estratégias personalizadas de influência e indução orientadora dos comportamentos. A governamentalização opera através da condução da liberdade dos indivíduos. Conduzir a liberdade é um oxímoro perigoso, porque uma liberdade conduzida não é liberdade, mas submissão dócil e livre aos ditados das estratégias exter-

5 SADIN, Éric. *La vie algorithmique: critique de la raison numérique*. Paris: Éditions L'Échappée, 2015.

6 YAPO, Adrienne; WEIS, Joseph. "Ethical Implications Of Bios In Machine Learning". 51st Hawaii International Conference on System Sciences, 2018. Disponível em <https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/bitstream/10125/50557/1/paper0670.pdf>. Acesso em 8 de fevereiro de 2021.

7 O termo governamentalização é um neologismo criado por Michel Foucault para denominar a prática do governo consentido da conduta dos outros. Um governo que não utiliza a força autoritária de um poder soberano, mas as "artes de conduzir as condutas". "Por esta palavra, governamentalidade, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem como alvo principal a população..." FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martin Fontes, 2008, p. 143.

nas⁸. Porém, os indivíduos que não têm consciência crítica dessas estratégias influenciadoras são docilmente conduzidos a partir de sua opção “livre” por aquilo que eles escolhem, sem perceber que uma grande parte de suas escolhas foi induzida por estratégias prévias que já analisaram seu comportamento cotidiano para melhor as orientar numa direção. Este seria um dos pontos críticos em que a algoritmização da vida opera como dispositivo biopolítico de controle social.

Um exame da natureza e as consequências dessa utilização lançam luz sobre a lógica implícita do capitalismo de vigilância e a arquitetura global da mediação do computador da qual ele depende. Esta arquitetura produz a nova expressão de poder distribuída e amplamente incontestável que eu batizo de “Grande Outro (Big Other)”.⁹

Para conseguir eficiência na governamentalização das condutas, se tornou uma questão “vital” a captura da vida pelas novas tecnologias; isso é o que denominamos de algoritmização da vida. Capturar a vida significa capturar ao máximo os movimentos dos indivíduos, suas decisões, o que eles querem, o que procuram, o que temem, seus anseios e preferências; tudo isso agora ocorre através de dispositivos digitais que por sua vez são ativados por algoritmos. A captura de todos os movimentos que realizamos através de dispositivos eletrônicos é processada por meio de complexos algoritmos que recolhem cada movimento que fazemos, cada busca que realizamos, quanto tempo estamos numa página, que conteúdo lemos, que material baixamos em nosso computador, quais são nossas temáticas preferidas, qual o alinhamento ideológico e político que preferimos, quais são nossos contatos, em que lugares estamos ou visitamos, que fotografias fazemos, etc. Quase não resta mais algum comportamento social que não exija a utilização de uma tecnologia informática ou digital.

O específico dos algoritmos complexos é que eles foram criados de tal modo que têm capacidade de avaliar os milhões de dados que recebem a cada instante para definir, quase que instantaneamente, decisões e estratégias para responder aos sujeitos desses dados. Com isso, numa espécie de retroalimentação informática, se intensifica a produção de algoritmos cada vez mais complexos que conseguem mapear ao detalhe

-
- 8 INTRONA, Lucas D. “Algorithms, Governance, and Governmentality: On Governing Academic Writing”. In. *Science, Technology, & Human Values*, 2016. Vol 41 (1) p. 17-49. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0162243915587360>. Acesso em 5 de fevereiro 2021.
- 9 ZUBOFF, Shoshana. “Big other: surveillance capitalismo and the prospects of an information civilization. In *Journal of Information Technology* (2015) 30, 75-89, 2015, p. 1.

cada um dos nossos comportamentos pelos rastros digitais que deixamos nos dispositivos eletrônicos que utilizamos¹⁰.

Duas dimensões da governamentalização algorítmica

Individualizar para melhor governar

Os algoritmos, através dos rastros que deixamos nos dispositivos eletrônicos, realizam de modo permanente uma extração massiva de dados, os chamados Big Data. Essa extração massiva de dados se movimenta em duas direções diferentes e complementares. Numa direção, os algoritmos extraem os dados de forma individual, a tal ponto que as informações que eles conseguem obter de nossos comportamentos digitais lhes permitem produzir um perfil muito preciso de nossa pessoa. Através dos algoritmos, a escavação de dados consegue ter um conhecimento detalhado de nós, de tal modo que se pode dizer que os algoritmos sabem mais sobre nós do que nós mesmos. Conseguem saber quais são nossas principais relações sociais, as pessoas com quem mais interagimos, os temas que mais nos interessam, as compras que realizamos, os lugares que visitamos, as leituras que fazemos, as notícias que mais lemos, os filmes mais visualizados, entre outras muitas coisas. Com esses dados, eles traçam um perfil individual, que se torna a “matéria-prima” para desenhar estratégias eficientes através das quais os próprios algoritmos nos conduzem para buscas de produtos, notícias, filmes, objetos, compras, relacionamentos, que eles entendem que são de nossa preferência. Por exemplo, quando vários de nós procuramos o mesmo tema no buscador do Google, os algoritmos do Google oferecem páginas diferentes para cada um, em função do perfil que eles têm traçado de cada indivíduo. Inclusive, quando procuramos um restaurante num mesmo lugar, ou casa para alugar nas férias, os algoritmos oferecem alternativas diferentes para cada um, em função do perfil que o mesmo algoritmo traçou de cada um de nós.

Essa tecnologia de individualização dos comportamentos de modo tão capilar é algo inédito na história da humanidade. O paradoxal desta tecnologia é que nos defrontamos com uma realidade que nos governa e conduz a partir de nossas preferências previsíveis. Os algoritmos são pensados para personalizar cada vez mais o nosso trânsito pelas redes digitais. É o novo mercado personalizado em que as grandes empresas

10 GILLESPIE, Talerton. The Rrelevance of Algorithms. Disponível em <https://culturedigitally.org/2014/07/facebook-algorithm-why-our-assumptions-are-wrong-and-our-concerns-are-right/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

passam não mais a oferecer produtos gerais para todos, mas um produto específico para cada indivíduo, levando em conta as preferências detectadas pelos algoritmos. Essa é uma das funções da governamentalização algorítmica¹¹.

Tudo isso, em virtude de nossos próprios comportamentos e relacionamentos. Serve o exemplo real do algoritmo que previu a gravidez de uma mulher antes de ela saber, porque ela começou a comprar xampus neutros enquanto normalmente comprava xampus muito intensos; como as mulheres grávidas intensificam muito os sentidos, entre eles o olfato, disso o algoritmo deduziu que, a começar a comprar só xampus neutros, ela estava grávida e, de imediato, seu marido começou a receber propagandas sobre coisas para bebês, sem entender por que as recebia¹².

Os dados de nossos comportamentos são capturados, cada vez mais, em todos os aparelhos eletrônicos que utilizamos. Por exemplo, os termostatos que regulam as temperaturas de muitas casas nos países do hemisfério Norte são inteligentes e se autorregulam por um programa; esse programa envia os dados do comportamento de milhões de pessoas à empresa que programou o termostato. A empresa, por sua vez, vende esses dados sobre os comportamentos individuais nas casas para outras corporações interessadas em ter um conhecimento do comportamento massivo nas casas de uma determinada região. De posse desses dados em escala massiva é possível traçar estratégias direcionadas à venda de produtos e propaganda de mercadorias utilizadas dentro de casa.

Outro exemplo do alcance dos Big Data seriam os chamados carros inteligentes que estão por vir. É muito previsível que esses carros virão com preços mais acessíveis que o custo real de fabricação porque eles serão, mais do que carros, máquinas inteligentes fornecedoras de dados dos comportamentos constantes dos usuários. Na realidade, há uma previsão de que o negócio das fabricantes destes carros inteligentes não será a venda dos veículos, mas a venda dos dados que os carros fornecerão para as empresas. O valor dos dados que os veículos deverão enviar numa escala tridimensional excede o valor do próprio carro. Inclusive podemos dizer que essa é uma tendência que se desenha para a revolução 5G, na qual todos os eletrodomésticos serão inteligentes; o que significa que estarão enviando todos os dados de nosso comportamento cotidiano, privado, e até da máxima intimidade, aos fabricantes dos mesmos.

11 ZUBOFF, Shoshana. *Surveillance capitalism. The fight a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: Hachette Book Group, 2019.

12 Cf. este exemplo é dado por Shosana Zuboff no documentário *Capitalismo de vigilância* de 26 de abril 2020, disponível em <https://nossosufuturoroubado.com.br/capitalismo-de-vigilancia/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Tudo será revelado pelos algoritmos que recolhem a imensidão de dados que lhes chegam de nossos comportamentos.

Bolhas digitais

Um dos efeitos dessa governamentalização algorítmica individualizada dos comportamentos é que, na medida em que as nossas vidas se intensificam nos meios digitais, vamos sendo conduzidos por estes algoritmos a um comportamento cada vez mais endógeno no qual há uma forte tendência a criar as chamadas bolhas de relacionamento. As bolhas comportamentais, antigamente, eram de caráter geográfico (cada um se relacionava com seus vizinhos mais próximos); agora as bolhas são des-territorializadas, nos dá a impressão de que estamos num ambiente global, quando na verdade cada vez mais, devido à intensificação da indução algorítmica, somos conduzidos a nos relacionar com grupos fechados nos quais se têm as mesmas preferências, gostos, ideologias, etc. Nem sempre percebemos que são os algoritmos os que nos apresentam possíveis novas amizades na rede, e que decidem que pessoas não devem ser interessantes para criar uma amizade. Ou seja, eles decidem, de modo soberano¹³, sobre quais pessoas nos devem apresentar para serem amigas e quais nos devem ocultar porque não nos interessam.

Eli Pariser, na sua obra *O filtro invisível*, analisa vários aspectos desta governamentalização algorítmica das bolhas digitais. Utiliza-se um código básico simples, os filtros dos novos algoritmos examinam aquilo de que gostamos e comparam com as pessoas que gostam de coisas parecidas com aquelas que nós transitamos na rede. Criam um universo de informações cruzadas sobre cada indivíduo até constituir uma espécie de “bolha dos filtros” nas quais somos classificados pelos algoritmos¹⁴. A bolha dos filtros opera com três dinâmicas inovadoras em relação a outras tecnologias audiovisuais.

Inicialmente, por mais que possa parecer contraditório, a bolha nos coloca numa espécie de isolamento real pela sua força centrífuga em nos afastar dos outros diferentes, daqueles que não pensam como nós, nem partilham os mesmos gostos ou apresentam um perfil diferente.

Uma segunda característica é que a bolha dos filtros é invisível, por isso pensamos que as informações que nos chegam através de uma bolha de filtros nos parecem imparciais, objetivas e verdadeiras, quando na

13 Por mais que os algoritmos sejam uma tecnologia biopolítica de governamentalização dos comportamentos, eles contêm em si a dimensão bipolar do poder moderno na qual o poder soberano de decidir autoritariamente sobre a vida das pessoas não foi anulada, mas desenvolvida de outra forma. AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. Poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

14 PARISER, Eli. *O filtro invisível*. São Paulo: Zahar, s/d. p. 11.

verdade são informações filtradas para nosso perfil, omitindo outras informações que o filtro da bolha considerou não relevantes para nós ou dissonantes de nós. O filtro da bolha nos oferece aquilo que ele pensa que gostamos ou aquilo para o que somos simpáticos, e omite o que considera que não é de nosso perfil. Desse modo, quanto mais navegamos nas redes seguindo as sugestões dos filtros da bolha, mais reforçamos nosso perfil identitário fechado em torno do círculo de informações, notícias, pessoas e acontecimentos que o filtro da bolha decide que queremos ver e saber. É uma dinâmica endógena que produz, de um lado, o reforço de identidades fechadas e, de outro, isola dos diferentes, impedindo de ser interpelado por outras possibilidades de ser, pensar ou agir. Com isso nos oferece a falsa impressão de que o mundo se parece cada vez mais comigo, com aquilo que penso, e, como consequência, esse encerramento das bolhas digitais reforça uma identidade falaciosa de que o meu modo de ser é o da maioria – quando menos da maioria dos grupos pelos quais circulo nas redes – e, portanto, é o verdadeiro.

Uma terceira característica que Eli Pariser destaca das bolhas dos filtros é que nós não optamos por entrar na bolha. Quando se escolhe ver um filme, assistir a um canal de televisão, escutar este ou aquele programa de notícias, ler um ou outro jornal digital, há uma decisão prévia no ato através da qual conseguimos ter um certo distanciamento crítico em relação ao que escolhemos para ver, ouvir ou ler. Mas nas bolhas dos filtros não temos escolha, são os algoritmos que decidem por nós quais as páginas que nos oferecem para visitar e quais não, que contatos nos interessam e quais não, que notícias são relevantes ou não para nós, que lugares são mais atrativos para visitar, que livros ou filmes são mais interessantes. São os filtros personalizados. “Eles vêm até nós – e, por serem a base dos lucros dos sites que os utilizam, será mais difícil evitá-los”¹⁵.

Governo massificado das condutas

Uma segunda direção estratégica na qual trabalham os algoritmos, além da individualização dos comportamentos, é na acumulação massificada dos dados dos comportamentos individuais, que possibilita desenhar estratégias globais para governamentalização de comportamentos de massa. A escavação massiva dos dados individuais é trabalhada pelos algoritmos numa escala gigantesca, que o cérebro humano não consegue acompanhar. Só os algoritmos conseguem processar de modo tão instantâneo uma massa gigantesca de dados que recebem a cada instante. Com isso, eles também conseguem elaborar uma espécie de nova esta-

15 PARISER, Eli. O filtro invisível. São Paulo: Zahar, s/d. p. 12.

tística dos comportamentos massivos. A escavação massiva dos dados possibilita que os algoritmos estabeleçam médias de comportamentos, preferências massivas nas condutas, rejeições massivas, e, desse modo, podem prognosticar comportamentos de massa e induzir estratégias para se antecipar a esses comportamentos a fim de orientá-los, conduzi-los ou até neutralizá-los, dependendo dos interesses. De muitas formas, os algoritmos capturam estrategicamente as informações dos comportamentos em escala massiva e quase planetária com o objetivo de poder produzir novas tecnologias de governamentalização da vida humana.

A maioria das pessoas pensa que seu comportamento não é influenciado, se sente muito livre e independente naquilo que pensa e decide, como se todos conseguíssemos estar acima dos algoritmos e suas estratégias de governamentalização das condutas. Contudo, temos exemplos recentes sobre a eficácia da governamentalização massificada de condutas, entre eles podemos destacar as influências decisivas que as estratégias algorítmicas traçadas pela empresa Cambridge Analytica tiveram nas eleições dos EUA para conseguir eleger como presidente Donald Trump¹⁶. Essa estratégia de direcionamento comportamental através de algoritmos também foi utilizada na Inglaterra para induzir o Brexit e também foi amplamente utilizada na última campanha eleitoral do Brasil. Merece destacar-se como foi através da estratégia algorítmica da governamentalização massiva de comportamentos que no Brasil se conseguiu instalar uma cultura do ódio e da confrontação, que não era própria do modo de ser da cultura brasileira. Se olharmos para trás no tempo, perceberemos que faz menos de uma década que no Brasil começaram a surgir grupos/bolhas nas redes sociais que eram e continuam sendo alimentadas diariamente por uma indústria da mentira, da difamação, do negacionismo e, por fim, do ódio contra o diferente. Esta estratégia foi denominada pelo próprio STF (Supremo Tribunal Federal) de “Gabinete do ódio”. Milhões de brasileiros foram seduzidos e conduzidos por essa estratégia do ódio, com estratégias sutis e falaciosas que de forma empolgante foram produzindo uma massa de indivíduos que aderiram a umas identidades fechadas, pré-fabricadas e produzidas por algoritmos. Na realidade são empresas contratadas para esses fins as que produzem os algoritmos, mostrando quanto eficientes são na condução do comportamento de milhões de pessoas. O algoritmo é anônimo, silencioso, invisível e eficaz.

16 The Cambridge Analytica Scandal. The Verge. Disponível em <https://www.theverge.com/2018/4/10/17165130/facebook-cambridge-analytica-scandal>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

Os nossos dados são nova matéria-prima do capital

A captura de dados individuais em grande escala mostrou, de muitas formas, que esses dados se constituem numa espécie de matéria-prima essencial para desenhar as estratégias de produção, vendas e consumo das grandes corporações mundiais e também do uso político pela burocracia Estatal. Os dados individuais massivamente extraídos são considerados uma espécie de ouro, chamados de novo petróleo, na medida em que eles são tratados como a nova matéria-prima da produção do capital nas sociedades de conhecimento¹⁷. A extração massiva de dados é a matéria-prima mais preciosa da produção no capitalismo financeiro e comercial da cultura do consumo e na nova fase do capitalismo digital. Por isso, cada vez mais, e todas as vezes que utilizamos uma página, vem o aviso para aceitarmos que essa página utilize cookies. Os cookies nada mais são do que os dados que essa página extrai do uso que fazemos dela, através de nosso computador. A chamada escavação de dados é utilizada como a nova mineração da matéria-prima mais preciosa para a nova fase do capitalismo em que nos encontramos. Se a escavação e mineração de carvão e petróleo foram as matérias-primas que sustentaram a primeira e segunda fase do capitalismo industrial, a mineração e escavação dos dados comportamentais de cada um de nós é o material mais precioso que o capital captura para desenhar novas estratégias de produção e consumo que se baseiam na governamentalização dos comportamentos.

Por tudo isso, há inclusive um intenso e lucrativíssimo comércio de venda de dados individuais, escavados pelos algoritmos e vendidos a alto preço, numa espécie de mercado paralelo, para as diversas empresas ou corporações que pretendem traçar estratégias de produção, venda e consumo de bens. Quase todos nós temos a experiência de sermos contatados permanentemente por empresas e companhias que nos oferecem coisas, produtos, serviços... Nos perguntamos, como é que eles chegaram até nós? Como souberam meu telefone, meu CPF, se estou trabalhando ou sou aposentado, etc? Resposta: há um intenso comércio clandestino de dados pessoais, vendidos a alto preço pelas empresas que os capturam, através de algoritmos, em todos nossos comportamentos digitais.

Cabe assinalar uma diferença importante entre a utilização dos dados individuais como matéria-prima do capital financeiro e as matérias-primas clássicas – como carvão, petróleo, etc. Estas são finitas e se es-

17 SRNICEK, Nick. *Inventing the Future: postcapitalism and a world without work*. London/New York, 2015.

gotam com a extração e utilização, enquanto os dados individuais extraídos pelos algoritmos podem ser utilizados múltiplas vezes, por diversas empresas ou corporações e, longe de se esgotar, se multiplicam constantemente. É uma espécie de matéria-prima inesgotável e de múltiplas e até infinitas utilizações.

Biopolítica algorítmica: Omnes et singulatim

A dupla estratégia utilizada pela tecnologia da algoritmização da vida, a saber: a captura individual dos comportamentos e a escavação massiva de dados, nada mais é que a intensificação das duas grandes técnicas biopolíticas que desde a origem do poder moderno se implantaram¹⁸. Foucault, num famoso ensaio, as denominou com o termo latino *Omnes et singulatim* (O todo e cada um)¹⁹. A estratégia do biopoder é conhecer o todo e cada um. Isso significa conhecer capilarmente cada comportamento individual e, concomitantemente, extrair massivamente os dados comportamentais. Essa dupla estratégia do biopoder é central para desenhar tecnologias mais personalizadas de governo, que por sua vez se articulam com interesses estratégicos definidos pelos algoritmos. Na algoritmização da vida estamos avançando na intensificação do poder biopolítico instaurado na origem do surgimento da denominada economia política²⁰.

Nesta nova aceleração e intensificação da captura biopolítica da vida humana, a política concebida como autogestão coletiva livre é colocada em questão. Se a algoritmização intensifica as estratégias de governamentalização das condutas, a liberdade dos sujeitos fica profundamente corroída pelas influências sutis e pouco percebidas dessas tecnologias. Desse modo, podemos entrever que a intensificação da algoritmização da vida nos conduz perigosamente para uma gestão administrada dos comportamentos sociais e massivos, cujo objetivo distópico é conseguir um controle total das condutas. Esse deslizamento para uma massiva administração comportamental da vida humana nos alerta para os potenciais limiares de novos autoritarismos que emergem nessas tecnologias.

A sombra do novo poder soberano, autoritário, agora se desenha sob a estratégia da acumulação de poder e saber concentrada pela inten-

18 FOUCAULT, Michel. O nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

19 FOUCAULT, Michel. "Omnes et Singulatim": uma crítica da razão política. In. Id. Ditos & Escritos IV, 2003, p. 355-385.

20 "Basta observar a racionalidade do Estado nascente e ver qual foi seu primeiro projeto de polícia para ser dar conta de que, desde os seus primórdios, o Estado foi ao mesmo tempo individualizante e totalitário. Opor-lhe o indivíduo e seus interesses é tão fortuito quanto opor-lhe a comunidade e suas estratégias. [...] A individualização e a totalização são dois efeitos inevitáveis". FOUCAULT, Michel. "Omnes et Singulatim": uma crítica da razão política. In. Id. Ditos & Escritos IV, 2003, p. 385.

sificação oligopolizada da algoritmização da vida humana²¹. O novo autoritarismo se oculta sob a normalidade dos comportamentos massificados e administrados por potentes dispositivos algorítmicos. Um exemplo deste horizonte distópico é o Sistema de Crédito Chinês²², um programa implementado pelo governo da China e que consegue coletar uma infinidade de dados de cada indivíduo, como a sua renda, o tipo de consumo, as multas ou não no trânsito, os tratamentos de saúde, a declaração de renda, as dívidas contraídas, e uma longa lista de comportamentos, que se ampliam a cada ano. Através deste programa o governo chinês estabelece uma tabela de prêmios e penalidades para os bons e os maus cidadãos; por exemplo com acesso ou não ao crédito, com direito a levar os filhos ou não a determinadas escolas e universidades, o direito a ter uma ou outra moradia, o direito a conceder ou não passaporte. Este modelo de vigilância e controle social só é possível pela extração massiva de dados e a algoritmização capilar da vida dos indivíduos. Ele desponta como a sombra do novo Leviatã, de um poder soberano autoritário que pode dominar através da algoritmização da vida.

Se levarmos estas considerações para as atuais instituições políticas, perceberemos que as atuais democracias estão sendo corroídas por dentro por meio de dispositivos biopolíticos de controle social, tornando-as cada vez mais umas democracias mais formais que reais. Isso não desqualifica o ideal da democracia²³, pois ela continua a ser o horizonte epistêmico e ético para confrontar os dispositivos de controle social, de modo que uma maior democratização política inibe o controle social.

21 Destacamos a importância das teses de Giorgio Agamben em relação das tecnologias da algoritmização da vida com a bipolaridade do poder moderno, que articula tecnologias de governamentalização da vida com dispositivos de soberania que controlam de forma autoritária e até despótica de controle social. "O governo só é possível se Reino e Governo forem correlatos em uma máquina bipolar: é isso que resulta especificamente da coordenação e da articulação da providência geral e da providência especial, ou, nas palavras de Foucault, do omnes e do singulatum". AGAMBEN, Giorgio. O reino e a Glória. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 130.

22 Uma informação sobre o Plano algorítmico de Crédito do governo chinês para monitorar a população pode ser conferida na BBC Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42033007>. Acesso em 3 de fevereiro 2021.

23 Giorgio Agamben tem uma série de estudos sobre como as atuais democracias se deslizaram para o que denominou de democracias espetaculares, onde o espetáculo, agora algoritmizado, subverte o princípio radical da autogestão democrática. "Se os meios de comunicação são tão importantes nas democracias modernas, isso não se deve apenas ao fato de permitirem o controle e governo da opinião pública, mas também e sobretudo porque administram e dispensam a Glória, aquele aspecto aclamativo e doxológico do poder que na modernidade parecia ter desaparecido. A sociedade do espetáculo – se denominamos assim as democracias modernas – é, desse ponto de vista, uma sociedade em que o poder em seu aspecto 'glorioso' se torna indiscernível com relação à oikonomia e ao governo". AGAMBEN, Giorgio. O reino e a Glória. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 10.

Paradoxos dos dispositivos biopolíticos e práticas de resistência

Após a anterior análise sobre o controle social e o potencial autoritarismo inerente aos dispositivos biopolíticos da algoritmização da vida humana, há que destacar que estes, como todos os dispositivos biopolíticos, não são intrinsecamente perversos, já que todos os dispositivos biopolíticos têm uma dimensão de eficiência que os justifica socialmente para serem utilizados na gestão de muitas situações e circunstâncias. Essa justificativa é também o limiar sob o qual se oculta a potencial perversão do dispositivo biopolítico da algoritmização da vida. Se esta não é potencialmente perversa, pois oferece a possibilidade de ajudar na gestão complexa e eficiente de muitos aspectos da vida social, essa eficiência deve ser permanentemente contrastada com os objetivos e estratégias que os direcionam.

Nossa geração se confronta com um novo limiar da ética e da política na medida em que a algoritmização dos comportamentos está sendo um novo campo de tensionamento social, e o nosso desafio é evitar que se deslize para os novos autoritarismos corporativos ou não.

É importante destacar que os algoritmos não existem em si e por si, como se fossem entidades abstratas ou espirituais. Por trás de cada algoritmo há sujeitos sociais, pessoas, corporações, grupos de poder que os produzem com uma intenção. Os algoritmos não existem isolados, eles são produzidos por corporações ou empresas (em alguns casos governos), e são uma nova ferramenta do poder no jogo dos interesses das classes sociais. As novas confrontações éticas, sociais e políticas serão com esses sujeitos detentores do saber-poder da algoritmização da vida. Como diz Cathy O'Neil,

As pessoas pensam que um algoritmo é um método para tentar chegar a uma verdade objetiva. Temos desenvolvido uma fé cega neles porque pensamos que há uma autoridade científica por trás dos algoritmos. Na verdade, um algoritmo é algo bobo, basicamente um sistema de perfis demográficos gerados a partir de big data. Averigua se você é um cliente que paga ou quais são suas possibilidades para comprar uma casa com base nas pistas que você vai deixando, como sua classe social, sua renda, sua raça ou etnia.²⁴

Resistência coletiva organizada

Para poder realizar com um mínimo de eficácia política esse confronto ético-político será necessário estabelecer práticas de resistência cole-

24 O'Neil, Cathy. A próxima revolução política será pelo controle dos algoritmos, <https://lavrappalavra.com/2018/11/27/a-proxima-revolucao-politica-sera-pelo-controle-dos-algoritmos/p.2>.

tivas. Por exemplo, uma constante divulgação e debate público sobre este lado obscuro do poder algorítmico. Só assim poderemos pensar em formas de democratização dos saberes e poderes algorítmicos. As lutas sociais contra o controle algorítmico da vida já produziram alguns tênues resultados, como a Lei de Proteção de Dados da União Europeia. No Brasil também se criou uma certa legislação a respeito, assim como a CPI das Fake News, do STF, para tentar controlar a algoritmização comportamental através da disseminação do ódio e das falsas notícias. Cabe destacar, no Brasil, o modo como o STF está conduzindo o inquérito sobre o que foi denominado de “Gabinete do ódio”. Recentemente foi divulgado que as apurações do inquérito mostram que por trás do “Gabinete do ódio” há uma série de empresas, até estrangeiras, que estavam financiando a produção algorítmica do ódio no Brasil, como estratégia política para polarizar as relações sociais e permitir que alternativas políticas caudilhistas e salvacionistas, de caráter militarista, se tornassem populares. Estes são pequenos episódios de um problema muito maior que corre nas sombras do poder algorítmico e que para neutralizá-lo são necessárias atitudes coletivas conjuntas.

Resistência ética à algoritmização da vida

Um último ponto importante, talvez até o mais importante, para pensarmos formas de resistência à governamentalização algorítmica da vida é confrontar-nos com a questão ética de nossa forma-de-vida²⁵ e modo de subjetivação. A algoritmização da vida produz novas formas de subjetivação docilizadas na medida em que modela formas de vida submissas às estratégias indutoras de comportamentos.

Por mais que nos possa parecer estranho, a última fronteira a ser governamentalizada pelos algoritmos é a espiritualidade do desejo, ou o desejo como espiritualidade. Se chamamos espiritualidade o marco vital em que produzimos o imaginário de nossos desejos de vida, o controle biopolítico almeja capturar essa última fronteira da potência humana, ou seja, a espiritualidade. No limiar da governamentalização, o controle biopolítico dos dispositivos algorítmicos almeja capturar o desejo humano e sua espiritualidade, para implantar novos objetos de desejo que produ-

25 Há que levar em conta as considerações de Giorgio Agamben aos nexos que existem entre os dispositivos biopolíticos de captura e controle da vida e a separação que estes dispositivos produzem entre a vida e sua forma de viver. “O poder político que conhecemos sempre se funda, ao contrário, em última instância, na separação de uma esfera da vida nua do contexto das formas de vida.” AGAMBEN, Giorgio. “Forma-de-vida”. In. Id. Meios sem fim. Notas sobre a política. São Paulo: Autêntica, 2015, p. 23. A captura dos dados comportamentais feita pelos algoritmos nada mais é que uma nova versão da redução da vida humana a mera vida natural, agora capturada em big data.

zem novas espiritualidades mercantilizadas, achatadas e castradas pela redução da vida a mercadoria.

Eis por que uma linha de resistência ético-política ao controle algorítmico da vida parece apontar para o empenho pessoal e social em criarmos formas-de-vida críticas, capacitadas para não se submeter docilmente aos apelos dos dispositivos, mas com potencialidade criativa de produzir modos éticos e autocráticos de viver na relação como o Outro.

A autárquia era a virtude clássica que capacitava os sujeitos para terem o comando de si e o domínio de seus desejos. Por isso era a principal virtude dos clássicos e o objetivo de todas as virtudes. Não havia liberdade sem autárquia; o sujeito só poderia se considerar livre quando adquirisse a capacidade de não se deixar dominar pelo próprio instinto nem pelas influências externas. Ninguém nasce sabendo ser livre, todos temos que aprender a viver práticas de liberdade. Hoje podemos dizer que, nas atuais sociedades de controle, a autárquia é a virtude que, como prática de constituição da própria subjetividade, contém a potencialidade de produzir o próprio modo de viver. A forma-de-vida da virtude da autárquia corresponderia a viver uma espiritualidade não governamentalizada. Hoje, constituir formas-de-vida autárquicas volta a ser nosso principal desafio ético. Ou seja, criarmos vidas capazes de autogoverno pessoal e coletivamente. Esta linha ética de resistência aos dispositivos biopolíticos de controle social exige criarmos novos imaginários sociais a partir da potência de uma espiritualidade não capturada.



Castor M.M. Bartolomé Ruiz. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orienta Mestrado e doutorado no PPG Filosofia Unisinos, na linha de Filosofia social e política. Possui doutorado em Filosofia - Universidad de Deusto, Bilbao, Pós-Doutorado em Filosofia - Instituto de Filosofia do Consejo Superior de Investigaciones Científicas da Espanha (CSIC, 2006). Coordenador da Cátedra Unesco de Direitos Humanos. Membro da diretoria da Associação Ibero Americana de Filosofia Política (AIFP). Coordenador da Cátedra Unesco-Unisinos de

Direitos Humanos e Violência, Governo e Governança. Coordenador do Grupo de Pesquisa Ética, biopolítica e alteridade junto ao CNPq. Leciona na graduação de filosofia e outros cursos as cadeiras de Antropologia Filosófica, Ética geral, Filosofia Política, Filosofia dos séculos XVI-XVII, Filosofia contemporânea. Ministra cursos temáticos na pós-graduação e pesquisa nas áreas de ética, subjetividade, alteridade, poder, violência, direitos humanos e democracia.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacobá Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos* – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evi-lázio Teixeira
- N. 51 *Violenças: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desemprego na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Biótica* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mari-nês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminoti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascuo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexões na literatura universal: Leo Tolstoi – Thomas Mann – Alexander Soljénitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lokmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pomalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasseman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapá-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsetto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéles Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Torgo Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelson Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakzi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga
- N. 271 *O que caminhar insano sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acacium Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Murj Scalo
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Providência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós- crise do coronavirus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnopolíticas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira
- N. 299 *Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver* – Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 *Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução científica na análise econômica* – Armando de Melo Lisboa
- N. 301 *Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular* – Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 *Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas* – Renata Tomaz
- N. 303 *A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre* – Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 *Ártico, o canário da mina para o aquecimento global* – Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 *A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa* – Aline Weschenfelder
- N. 306 *Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas* – Rosana Batista Almeida
- N. 307 *História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança* – Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 *Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche* – Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 *Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental* – Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 *A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo* – Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 *Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica* – Faustino Teixeira
- N. 312 *O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio* – Paulo Abe
- N. 313 *Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro* – José Dalvo Santiago da Cruz



UNISINOS